



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA  
LICENCIATURA EM FÍSICA  
FÉLIX JÚNIOR PANTOJA DE SOUSA

**E.E.E.F.M. PROFESSORA BENVINDA DE ARAÚJO PONTES  
CASA BEM-TE-VI/ APAE  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FÍSICA II**

ABAETETUBA

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA  
LICENCIATURA EM FÍSICA  
FÉLIX JÚNIOR PANTOJA DE SOUSA

**E.E.E.F.M. PROFESSORA BENVINDA DE ARAÚJO PONTES**  
**CASA BEM-TE-VI/ APAE**  
**ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FÍSICA II**

Relatório Final apresentado à Universidade Federal do Pará como critério de avaliação da Disciplina Estágio Supervisionado em Física II, ministrada pela professora Gissele Farias Cardoso.

ABAETETUBA

2017

## Sumário

1. Apresentação.....	4
2. Justificativa.....	5
3. Identificação e Caracterização da Escola Especializada .....	6
4. Identificação e Caracterização da Escola Regular.....	7
5. Registro e Análise das Atividades Realizadas na Escola Especializada.....	8
6. Registro e Análise das Atividades Realizadas na Escola Regular.....	10
7. Reflexões Conclusivas.....	12
Referências Bibliográficas	

## 1. Apresentação

A disciplina Estágio Supervisionado em Física II faz parte da ementa do curso de Licenciatura em Física, ofertado pela UFPA/ Campus Abaetetuba. Com carga horária de 102 h, a disciplina tem como ênfase a educação especial. Seu objetivo principal é fazer com que os alunos conheçam mais profundamente essa modalidade de ensino, através de observações e coparticipações em sala de aula, que contenham alunos deficientes, e da leitura e discussão de textos que tratam do assunto.

O Estágio Supervisionado em Física II foi ministrado pela professora Gissele Farias no período de 10 de maio a 6 de setembro de 2017. Durante esse período, as observações e coparticipações ocorreram em duas instituições de ensino: uma especializada em educação especial, Casa Bem-te-vi/ APAE Abaetetuba, e a outra, escola regular de ensino, Benvinda de Araújo Pontes.

No início da disciplina, a professora orientadora explicou como o estágio ocorreria, forneceu os documentos para serem entregues nas instituições de ensino (regular e especializada) e disponibilizou um guia didático. Esse, continha quase todas as informações referentes às realizações das atividades, como o aluno-estagiário deveria se comportar no ambiente escolar e como construir o relatório da disciplina.

Seguindo as orientações do guia didático, este relatório segue-se com a justificativa, a identificação e caracterização da instituição de educação especial e escola regular, o registro e análise das atividades de estágio, a reflexão conclusiva e as referências.

## 2. Justificativa

Hoje, mais do que nunca, sabe-se que a educação é o melhor caminho para se conseguir uma sociedade mais fraterna e igualitária. É dessa consciência e do fato de que todos são capazes de aprender que a educação especial vem sendo cada vez mais discutida em nosso país.

Ensinar alunos deficientes não é uma tarefa fácil (fácil seria ignorar que esses alunos têm direitos a uma educação de qualidade e respeito) porém, é possível ensiná-los quando a comunidade escolar e os pais se juntam para alcançar esse objetivo. O professor tem um papel importante nesse processo, pois é ele que escolhe e aplica a metodologia de ensino aos alunos. Dessa forma, é importantíssimo que os educadores conheçam profundamente como se dar o processo de ensino-aprendizado nesses alunos.

É nesse sentido que o Estágio Supervisionado em Física II se mostra importante, pois possibilita aos alunos-estagiários (futuros professores) conhecer mais sobre a educação especial. Nesse estágio, os estagiários têm a chance de entrar em contato com as dificuldades enfrentadas tanto pelos educadores (para ensinar) quanto pelos alunos (para aprender). Além disso, os alunos têm a oportunidade de conhecer as principais deficiências presentes no ambiente escolar (Autismo, Síndrome de Down, etc.).

Portanto, a disciplina Estágio Supervisionado em Física II não é uma simples disciplina, sem importância, e os estagiários têm consciência disso à medida que vão aprendendo sobre a educação especial.

### 3. Identificação e Caracterização da Escola Especializada

A Casa Bem-te-vi/ APAE Abaetetuba está situada na cidade de Abaetetuba, no bairro de Aviação, na rua Brigadeiro Eduardo Gomes, nº 1767. Como escola especializada em educação especial, a instituição busca atender crianças, adolescentes, jovens e adultos com deficiência intelectual e/ou múltipla. O atendimento a essa clientela vai desde o diagnóstico da deficiência até o seu tratamento.

A APAE (Associação de Pais e Amigos Excepcionais) surgiu no município em 29 de julho de 1983; pelo esforço de profissionais da área de educação especial que percebiam, naquele momento, a falta de políticas públicas inclusivas no município. Hoje, é a APAE que mantém o Centro de Atendimento Especial Educacional (CAEE) Maria Elza Ribeiro de Andrade. Esse está organizado com programas de apoio educacional especializado, programas de habilidades alternativas e programas de atendimento complementares.

Com relação ao quadro de funcionários, a Casa Bem-te-vi conta com 81 servidores. Destes 35 são professores (todos com formação em educação especial), 7 são especialistas (odontólogo, psiquiatra, etc.) e 39 são servidores das áreas de Direção, Coordenação e Serviços de Apoio. Há também 14 voluntários espalhados pelos diversos setores da instituição.

O quadro de alunos é formado por 238. Destes, 184 estão matriculados em escolas regulares de ensino (e, portanto, só fazem atividades complementares na instituição) e 54 não estão incluídos na rede regular de ensino, devido as especificidades das deficiências que possuem.

São graças às parcerias firmadas com empresas, entidades públicas, com os pais e amigos da associação e com os recursos próprios, oriundos da venda de lanches, artesanatos, etc., que a Casa Bem-te-vi proporciona uma educação de qualidade, atendimentos adequados às pessoas com deficiência e sua inclusão na sociedade, compromissos carregados desde a sua fundação.

## 4. Identificação e Caracterização da Escola Regular

A escola Benvinda de Araújo Pontes (nome em homenagem a professora de mesmo nome, mulher abaetetubense, trabalhadora e amante pela educação) está localizada na cidade de Abaetetuba, no bairro de São Lourenço, na travessa Santos Dumont, nº 1315. Inaugurada em 1999, a escola ostenta uma estrutura grandiosa: 10.225 m<sup>2</sup> de área; três grandes blocos, onde funcionam a secretaria, a sala dos professores, a biblioteca, a sala multifuncional, as salas de aulas etc., e uma quadra poliesportiva coberta.

Os alunos atendidos pela escola (cerca de 2.124, contando com os 23 deficientes) são em sua maioria de bairros adjacentes à escola. Porém, existem alunos da zona rural (ilhas e estradas). Esses chegam à instituição de ensino a pé ou em ônibus escolares, financiados pelos governos estadual e/ou municipal. A maioria dos alunos são filhos de pais com baixa escolaridade que dependem de programas sociais, como Bolsa Família, para auxiliar na renda familiar.

A violência e o desemprego são bastante marcantes na vida dos jovens e adolescentes matriculados na instituição de ensino. Diante desse fato, a escola vem promovendo palestras, oficinas e orientações sobre violência, o mercado de trabalho e etc., de forma que seus alunos não sejam levados a fazerem parte da marginalização.

## 5. Registro e Análise das Atividades Realizadas na Escola Especializada

No dia 10 de maio de 2017, os alunos do curso de Física da UFPA se apresentaram na escola especializada Complexo Educacional e Terapêutico Casa Bem-te-vi com o objetivo de iniciar as atividades de observação e coparticipação naquela instituição de ensino.

No primeiro encontro com a escola, fomos recebidos com carinho pelas coordenadoras pedagógicas, Sueli Bitencourt e Joyce Bitencourt, e pelos alunos da instituição. Esses últimos, em especial, a todo momento cumprimentavam-nos com abraços. Parecia que os visitantes eram conhecidos, que eram amigos. Certamente, aquelas pessoas que pensam que na APAE só existem alunos desequilibrados, mudariam essa ideia preconceituosa, se presenciassem esse encontro. Ao contrário, os alunos se mostraram equilibrados e muito amigáveis.

Depois das boas-vindas, as coordenadoras fizeram uma pequena apresentação sobre a instituição. Falaram como surgiu a APAE no município, quem a idealizou, como se mantém e qual a sua clientela. Comentaram também sobre os desafios enfrentados pelos funcionários para manter e proporcionar um atendimento de qualidade na instituição.

Após as apresentações, fomos conhecer alguns ambientes da escola, seu quadro de funcionários e sua clientela. Secretaria, salas de aula, refeitório, sala de artesanato, sala de artes, quadra poliesportiva e piscina foram alguns dos ambientes conhecidos. Observou-se, nesse primeiro momento, que a instituição era bem administrada, fato confirmado mais tarde no decorrer das atividades. Segundo Libâneo, esse é um dos fatores que contribuem para uma eficaz aprendizagem dos alunos.

“Uma escola bem organizada e gerida é aquela que cria e assegura as melhores condições organizacionais, operacionais e pedagógico-didáticas de desempenho profissional dos professores, de modo que seus alunos tenham efetivas possibilidades de serem bem-sucedidas em suas aprendizagens”.  
(José Carlos Libâneo, Didática, SP, 1991)

O primeiro atendimento observado na instituição foi a caminhada. Ela acontece sempre as segundas-feiras, assim que todos os alunos chegam a APAE. O percurso é de apenas alguns

quarteirões no bairro de Aviação. Segundo o educador responsável pelo atendimento, a caminhada é importante aos alunos porque possibilita que eles interajam com o ambiente ao seu redor. Além do mais, faz com que eles ganhem confiança em si próprios quando vencem alguns obstáculos presentes na rua (lixos, buracos, etc.).

O que chamou bastante a atenção nesse atendimento foi a união dos alunos, andaram todo o percurso de mãos dadas, e o carinho que eles recebiam dos moradores do bairro e de alguns motoristas que passavam pela rua. Sinais que mostram, que apesar da sociedade ainda ser preconceituosa com relação aos deficientes, existem pessoas que os respeitam como cidadãos.

Após a caminhada, observou-se outros atendimentos oferecidos aos discentes, os mais significativos foram os realizados na sala de aula e na sala de estimulação precoce.

Em sala de aula, as educadoras sempre nos receberam muito bem, assim com os alunos, e se mostraram dispostas a ajudar-nos em que precisássemos durante as observações. Suas metodologias de ensino fazem uso de equipamentos específicos de algumas deficiências, de brinquedos educativos e de brincadeiras. Algo percebido em todas as aulas foi a diversificação de conteúdos trabalhados numa mesma aula, ora as educadoras trabalhavam Matemática, em seguida, Língua Portuguesa ou outra disciplina. Poderia até parecer que as aulas eram desorganizadas, porém, a estratégia de ensino tinha um objetivo maior, não fazer com que os alunos se estressassem (coisa que é bastante fácil de acontecer) com as tarefas.

A sala de estimulação precoce é um ambiente da instituição que atende crianças de 0 a 7 anos de idades que precisam receber estímulos em algum dos cinco sentidos. A equipe do local, juntos com os pais dos alunos, fazem um trabalho muito bonito de se ver; enquanto os profissionais realizam os estímulos, os pais auxiliam, acalmando os seus filhos. Na hora de cantar, os pais cantam. A participação dos pais no tratamento dos filhos foi algo que chamou bastante atenção dos estagiários durante a observação no local. Sem dúvida, ela contribuiu muito no tratamento das crianças e, além disso, aumenta os laços de amor entre pais e filhos.

Ao final das atividades realizadas na instituição de ensino, percebíamos o quanto havíamos aprendido sobre educação especial e o quanto de exemplos bonitos tínhamos para nos inspirar a sermos bons educadores. Alguns desses exemplos foram tirados dos mais singelos carinhos que um educador pode ter por um aluno. Outros ensinamentos, vieram da amizade construída, ao longo do estágio, com os alunos que estudam na instituição e que a consideram-na como se fosse sua casa.

## 6. Registro e Análise das Atividades Realizadas na Escola Regular

Durante a realização de quatro atividades, direcionadas aos alunos deficientes da escola Benvenida de Araújo Pontes, os funcionários foram simpáticos e amistosos. Em nenhum momento mostraram-se constrangidos ou intimidados com a presença de estagiários, que os observavam e tiravam algumas dúvidas. Os próprios alunos, foco das observações, em sala de aula ou no corredor da instituição cumprimentavam-nos com muito respeito. A professora de Física não foi diferente dos outros funcionários, recebeu-nos em sua classe com muita paciência e carinho; exemplos para professores que acham que estagiários em sala de aula só atrapalha.

Geralmente, professores que pensam dessa forma não gostam de educar, só fazem o básico em sala de aula, não têm consciência de seu papel para a melhoria da educação, sempre acha que a falta de aprendizado de seus alunos é consequência, unicamente, do desinteresse dos discentes, não busca metodologias novas de aprendizado, usa as mesmas a décadas; por isso, não aceitam a presença de alunos-estagiários em suas aulas, pois se sentem alvos de críticas. A esses professores, Paulo Freire, no livro *Pedagogia da educação*, pergunta:

“Como ser educador, se não desenvolvo a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazer bem. Desrespeitado como gente no desprezo a que é relegada a prática pedagógica não tenho por que desanimá-la e aos educandos. Não tenho por que exercê-la mal”. (Paulo Freire, pág. 64)

Infelizmente existem professores, que se dizem educadores, em muitas escolas brasileiras, que compartilham dessas ideias e ações. Porém, há também aqueles que se opõem a essas concepções e fazem o oposto (amam educar, fazem o máximo pelos seus alunos e têm consciência de sua importância para a educação) e, por isso, merecem reconhecimento e respeito. A professora Alessandra Oliveira é uma dessas educadoras que pensa e age dessa forma.

Hoje, apesar da necessidade de um professor intérprete em sala de aula, ela busca ensinar a todos, alunos deficientes ou não. Sua metodologia de ensino é a seguinte: como não dá, ou se torna difícil, explicar o conteúdo da aula e gesticular para os alunos surdos-mudos

simultaneamente, ela primeiro explica aos alunos não-deficientes e, em seguida, volta a explicar em libras para os não-ouvintes. O uso de um computador portátil ajuda a educadora a mostrar imagens e ilustrações difíceis de serem sinalizadas em libras. É dessa forma que ela vai vencendo os obstáculos que surgem pela falta de um profissional para auxiliar no ensino dos alunos deficientes.

A instituição de ensino possui uma sala de recurso, ambiente destinado a ajudar alunos com deficiência em suas tarefas escolares. Porém, a falta de professores de Física, de Química e de Biologia que saibam libras se mostra um empecilho ao aprendizado desses alunos. Professores de Língua Portuguesa, de Sociologia e Pedagogia são obrigados a estudarem assuntos da área de ciências exatas para poderem ajudar os alunos que os procuram com dificuldades.

Segundo a coordenadora do local, um outro fator que prejudica bastante o ensino dos deficientes da instituição é a negligência de alguns professores, muitos simplesmente esquecem que na turma existem alunos deficientes. Ainda segundo ela, os alunos que a procuram não possuem quase nada das tarefas escolares no caderno, pois os professores não dão tempo para eles copiarem ou não se importam com esses alunos.

Em uma atividade de coparticipação nesse ambiente pudemos constatar todos esses problemas acima mencionados. Nessa atividade também tivemos a oportunidade de ajudar a equipe a ensinar física a um aluno deficiente auditivo. Como não sabíamos libras, explicávamos a uma educadora e ela sinalizava para o aluno. Depois de alguns minutos, conseguimos ensiná-lo sem a ajuda da educadora.

Sem dúvida, essa atividade foi uma das mais importantes realizadas na instituição de ensino, pois possibilitou o contato direto com os alunos deficientes, com suas limitações e possibilidades de ensino. Ao término das atividades realizadas na escola Benvinda de Araújo, tínhamos a certeza que deveríamos, urgentemente, aprender libras, para, no futuro, não fazermos parte do grupo de professores que esquece que o aluno deficiente tem direito a uma educação de qualidade e respeito.

## 7. Reflexões Conclusivas

A disciplina Estágio Supervisionado em Física II, assim como o Estágio I, trouxe muitos ensinamentos a todos os alunos que a fizeram, especialmente sobre educação especial, foco desse estágio. Pode-se, durante a disciplina, conhecer metodologias de ensino para deficientes com professores que realmente se importam com a educação e com sua melhoria. Que não esperam as condições serem favoráveis para, a ir então, fazer um trabalho de inclusão em sala de aula. Infelizmente, exemplos de maus educadores, que não se importam com a qualidade de suas aulas, que não promovem a inclusão de alunos deficientes em sala, também foram vistos durante as realizações das atividades, porém, práticas como essas, não serão copiadas, certamente, por nenhum dos estagiários em sua profissão.

Com relação ao desenvolvimento da disciplina em si, tem-se a dizer que os objetivos dela só foram alcançados graças à assiduidade, à clareza e aos esclarecimentos da professora orientadora da disciplina, Gissele Farias de Carvalho, aos materiais de apoio e aos alunos-estagiários que, no 1º dia de aula, se comprometeram a realizar todas as atividades propostas no guia didático para então concluírem a disciplina. Aliado a isso, as aberturas das portas das escolas para os estagiários, bem como a paciência dos professores e dos alunos foram fatores facilitadores para que a disciplina alcançasse seus objetivos.

## Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, SP, Paz e Terra,1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, SP. Cortez,1991.

Guia Didático do Estágio Supervisionado em Física II.

Projeto Político Pedagógico das Instituições de Ensino.

